



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

## DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A HISTÓRIA CULTURAL E A BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA



## DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE: CULTURAL HISTORY AND THE BRAZILIAN BELLE ÉPOQUE

Natanael Duarte de AZEVEDO  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

José Temístocles Ferreira JÚNIOR  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 19/06/2019 • APROVADO EM 07/11/2019

---

### Resumo

---

A presente pesquisa busca promover um diálogo entre a História Cultural e a História da Literatura, tomando como recorte temporal o início do século XX, que marca a *Belle Époque* brasileira. O estudo tem como fonte primária o jornal *O Riso* (1911-1912), jornal pornográfico, impresso na cidade do Rio de Janeiro, e, em especial, as contribuições de dois nomes significativos da literatura da época: João do Rio e Lima Barreto. Nesse sentido, conseguimos problematizar o lugar da literatura pornográfica no auge da *Belle Époque* e os seus desdobramentos críticos, satíricos e alegóricos na composição do jornal.

This research seeks to promote a dialogue between Cultural History and Literature History, taking as a temporal cut the beginning of the 20th century, which marks the Brazilian *Belle Époque*. The study has as its primary source the newspaper *O Riso* (1911-1912), a pornographic newspaper, printed in the city of Rio de Janeiro, and in particular, the contributions of two significant names from the literature of the time: João do Rio and Lima Barreto. In this sense, we have been able to problematize the place of pornographic literature at the height of *Belle Époque* and its critical, satirical and allegorical developments in the composition of the newspaper.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Literatura. História Cultural. Belle Époque brasileira. João do Rio. Lima Barreto. Literatura pornográfica.

**KEYWORDS:** History of Literature. Cultural History. Brazilian Belle Époque. João do Rio. Lima Barreto. Pornographic literature.

---

## Texto integral

---

Uma ação deixa um “rastro”, põe sua “marca” quando contribui para a emergência de tais configurações que se tornam os documentos da ação humana. [...] Não se poderia dizer que a história constitui por si mesma o dossiê da ação humana? A história é esta quase-“coisa” em que a ação humana deixa um rastro, põe a sua marca. Daí a possibilidade dos arquivos (RICOEUR, 1989, p. 195-196).

Para compreensão do papel dedicada à História Cultural para construção da História da Literatura, partimos de uma problemática que nos interessa em especial: o método científico. Os trabalhos desenvolvidos pela História Cultural já são bem discutidos, mas buscamos acrescentar em nossa pesquisa a descrição do método, ou melhor, das atividades sistemáticas que devem ser adotadas para análise de jornais pornográficos da *Belle Époque*, em especial, o jornal *O Riso* (1911-1912).

Ao trabalharmos com um objeto histórico, e bem simbólico (BOURDIEU, 2005), incorremos no risco de o analisarmos pelo olhar da atualidade, de caracterizá-lo pelas correntes da crítica literária moderna, de seguirmos um método muito perigoso: o anacronismo.

A tarefa primeira do historiador, como do etnólogo, é, portanto, reencontrar essas representações antigas, na sua irredutível especificidade, isto é, sem as envolver em categorias anacrônicas nem as medir pelos padrões da utensilagem mental do século XX,

Por essa razão, a fim de evitarmos cometer um erro anacrônico, partiremos dos conceitos de *representação*, *apropriação* e *práticas de leitura*, segundo Chartier (2002), para chegarmos a nossa propositura de atividades sistemáticas.

No que diz respeito à *representação*, iniciaremos nossas discussões pela leitura que Chartier (2010) fez de Paul Ricoeur.

Ricoeur optou por privilegiar a noção de representação, por duas razões. Por um lado, ela tem uma dupla condição ambígua na operação historiográfica: designa uma classe de objetos em particular, definindo, ao mesmo tempo, o próprio regime de enunciados históricos. Por outro lado, a atenção que presta à representação, como objeto e como operação, permite retomar a reflexão sobre as variações de escala que caracterizou o trabalho dos historiadores a partir da proposta da micro-história e, mais recentemente, das diferentes formas de retorno a uma história global. (CHARTIER, 2010, p. 22)

Pelas duas razões expostas por Ricoeur para se trabalhar com o conceito de *representação* como “dupla condição ambígua na operação historiográfica” e *representação* “como objeto e como operação”, vemos que o trabalho historiográfico, em especial, a História da Literatura, corre o risco de cair em um labirinto no qual “o documento se encontra reduzido a sua única dimensão textual<sup>1</sup>” (CHARTIER, 2011, p. 16). Se o pesquisador não perceber que ao se falar de enunciados, ele deve trazer à tona o discurso de uma época, corre o risco de se perder em um princípio elementar para História Cultural: o documento não cessa nele e por ele mesmo.

Nesse sentido, cabe ao historiador da literatura observar que o discurso que circulou na sociedade (no caso de nossa pesquisa, o contínuo processo de transição da Monarquia para República) será representado nos documentos (ficcionais ou não) não como realidade absoluta e transparente, mas como uma realidade representada.

Qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (CHARTIER, 2011, p. 16)

A fonte documental que for manipulada pelo historiador, pautado no método da História Cultural, é capaz de demonstrar que a realidade não é tão exata e transparente como muitos manuais de história revelam. Como bem afirmou

Chartier na citação acima, “a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares”, por isso cabe ao investigador explicitar qual a sua fonte, a apropriação que fez dela e quais práticas de leitura que caracterizam o objeto. Por isso, faz-se necessário deixar claro que tratamos aqui de um objeto específico, jornais pornográficos da *Belle Époque* brasileira, da apropriação que fizeram do discurso pornográfico e, por fim, a comunidade leitora de transição de século, no Brasil, ou seja, as pessoas que assinavam o impresso e dele se apropriavam de modos singulares e com habilidades de leitura diferentes, seja pelo seu conteúdo erótico, humorístico e/ou político. Sendo assim, a partir do pensamento de Chartier, segundo o qual cabe ao historiador analisar o seu objeto levando em consideração os mais distintos lugares, momentos e realidade social.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Ao identificarmos como os jornais pornográficos foram construídos, pensados e dados a ler, chegaremos à representação de um lugar específico (Rio de Janeiro, capital da República), num dado momento (final de século XIX e início do XX) em que a nação vivenciou o golpe militar com a proclamação da República e a destituição de uma Monarquia de origem portuguesa (GOMES, 2013).

É nesse contexto histórico-social-político-cultural que o nosso objeto, jornais pornográficos da *Belle Époque*, se insere. Daí a necessidade de observarmos a singularidade do objeto e o interesse particular do leitor, pois como afirma Chartier (1997, p. 6), “a leitura é, por definição, rebelde e vagabunda”. Mas esse interesse particular não faz com que o leitor seja tomado como dono de si ou de suas escolhas no processo de leitura, há por trás da feitura do texto impresso uma tentativa de controle.

Cada leitor é confrontado com todo um conjunto de obrigações e de instruções. O autor, o editor-livreiro, o comentador, o crítico pretendem controlar de perto a produção do sentido e fazer com que o texto que escreveram, publicaram, glosaram ou autorizaram seja entendido sem desvios em relação ao seu desejo prescritível. (CHARTIER, 1997, p. 6).

Vejamos como o jornal *O Riso* se apresenta aos leitores no seu primeiro número<sup>2</sup>:

Trataremos de cousas inuteis, do superfluo, que, na opinião de muita gente bôa é o mais necessário á existencia. Nossa preocupação, nosso programma é todo de esthetica e bom humor. Sem odios e sem paixões, tendo por unico *parti-pris* o de rir de tudo e de todos. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, Num. 1, Anno I, p. 1)



Essa tentativa de controle por parte dos editores é falseada no intuito de provocar a ironia, pois, ainda que a apresentação do jornal afirme para os seus leitores que as páginas de *O Riso* são voltadas para notícias comezinhas, supérfluas, sem ódios e sem paixões, logo em seguida há uma coluna com temas “sérios” e críticos, com o tom humorístico, assinada pelo pseudônimo “Garôto”:

D’esta vez a campanha contra o Bicho é seria. O Dr. Chefe entrou com o jogo todo, e como é elle que dá as cartas, não respeita nem as damas (entendidas em palpites de sonhos) e mette no xadrez todos os jogadores. Toda a policia está mobilisada para matar o Bicho.

Como ultima providencia – assim como quem manda avançar a Velha Guarda foi posto um dito civil de sentinella á porta de cada bicheiro. Ora como, ha na cidade nada menos de 449.323 casas de Bicho, estão ocupados nessa vigilância bichophoba todos os guardas civis, agentes de segurança e mais a legião de supplentes de delegado.

Para os jogadores é um golpe terrível.

Mas como não ha mal de uns que não traga vantagens a outros os ladrões andam satisfeitissimos pois é claro que assim mobilisada nessa campanha zoologica a policia não pode tratar de gatunices.

Uma ideia.

Se os bicheiros se fizessem gatunos, escrunchantes, e gravateiros mais ou menos arrombadores? Assim ficariam livres de incommodos com a policia. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, Num. 1, Anno I, p. 2)

Em seguida o tema é tratado com humor na anedota abaixo:

Um Rio-Grandense recém-chegado conversa com um amigo carioca e este diz-lhe:

O que nunca compreendo é como vocês conseguem apanhar bois e vacas bravas no meio de um campo?

Ora! É muito simples – responde o gaúcho – imagina tu que eu quero apanhar uma cria com os bezerrinhos. Pego no laço, jogo na vacca.

Um guarda civil, aproximando-se todo elegante:

- Joga na vacca?...

A tentativa de controle de leitura imposta pelo editor de *O Riso*, Rebello Braga, é na verdade uma invenção, uma construção forjada. Ao caracterizar o jornal como sendo voltado para “coisas inúteis, do supérfluo” e preocupado com “esthetica e bom humor”, o editor induz o leitor a guiar a leitura do jornal pelo tom do desprendimento, mas ao mesmo tempo o impresso traz críticas duras ao governo vigente, presidência de Hermes da Fonseca. Seja por meio da polícia, dos militares, ou dos ministros e secretários do governo, as páginas de *O Riso* estão cheias de denúncias políticas e sociais, mas sempre associando o conteúdo “sério” ao humor e ao erotismo<sup>3</sup>.

Assim como observou Chartier (2002) acerca das particularidades do discurso na sociedade, verificamos no jornal *O Riso* um espaço que não deve ser tomado como discurso neutro, muito pelo contrário, pois pela produção de estratégias e práticas políticas há uma tentativa de impor uma autoridade contra o regime republicano, sob a governança de Hermes da Fonseca.

No que diz respeito à noção de apropriação dos discursos, Chartier (2002, p. 24) afirma que é exatamente “no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito” que é possível pensarmos uma “teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos” (CHARTIER, 2002, p. 24). Ou seja, ao articularmos o mundo do jornal *O Riso* ao mundo do sujeito, isto é, o contexto discursivo que o cerca (social, cultural e político), poderemos chegar a uma análise que apresenta de que maneira texto e discurso “afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo” (CHARTIER, 2002, p. 24), mas essa compreensão do discurso não deve ser entendida como possibilidades diversas de interpretação (daí o perigo de não compreendermos o conceito de apropriação dos discursos). Assim, compreender o discurso é, mais que tudo, interpretá-lo em seu contexto de produção. Dessa forma, apreender informações sociais, políticas, históricas e culturais de uma dada época se faz necessário para interpretação de um discurso. Sendo assim, no caso de nossa pesquisa, foi preciso o reconhecimento da política vigente e do contexto histórico e social para compreendermos o discurso que sustentava o tom humorístico e pornográfico do jornal *O Riso*. Nas palavras de Chartier (2002), foi preciso entendermos que a apropriação que os jornais fizeram da pornografia só foi possível porque observamos as interpretações sociais “remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 2002, p. 26).

A partir dos pressupostos apresentados, destacamos que para não incorreremos no risco de construir uma análise por meio de um método falho (no sentido de julgarmos um documento pela imanência do próprio texto ou de interpretações anacrônicas), pautamo-nos na ideia de que os textos não são simplesmente “depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos” (CHARTIER, 2002, p. 25), o suporte jornal tem uma significação própria que o difere de outros suportes, e mais, o jornal pornográfico tem uma singularidade bem particular, diferenciando-o de outros jornais.

É no jogo de revelar uma crítica por meio de uma abordagem erótica (o método alegórico de *construir um b para significar um a*) que o jornal *O Riso* se instaura como discurso e “situa a produção de sentido, a ‘aplicação’ do texto ao leitor como uma relação móvel, diferenciada, dependente das variações, simultâneas ou separadas, do próprio texto” (CHARTIER, 2002, p. 26). Mas nesse método não podemos esquecer que

Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é “caça furtiva”, no dizer de Michel de Certeau. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão concreta, a uma leitura autorizada. (CHARTIER, 2002, p. 123)

Dessa forma, o trabalho histórico que envolve a literatura e o jornal deve ter em vista um sistema de atividades de investigação que reconheça “paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados” (CHARTIER, 2002, p. 131). Precisamos conhecer os documentos em sua época e a comunidade leitora que manuseou tais documentos. Seja pelo prazer de uma leitura solitária dos contos e romances pornográficos, seja pela leitura pública das críticas sociais e/ou política na e pela representação da sociedade da *Belle Époque* brasileira, reconhecemos, como afirmou Chartier (1997), que em uma mesma comunidade de leitores, formadas por diferentes representantes (idade, sexo, condição social, domínios de leitura, manuseio dos suportes etc.) há gostos, motivações e habilidades distintas de leitura, ou seja, “diversos interesses e expectativas com os quais diferentes grupos de leitores investem a prática da leitura” (CHARTIER, 1997, p. 13).

### ***O Riso e a Belle Époque: João do Rio e Lima Barreto em gargalhadas afiadas com O Riso***

Nossa proposta nessa seção é de mostrar um lado não tão comentado, ou até mesmo desconhecido, da produção pornográfica de Lima Barreto para o jornal *O Riso* por meio da colaboração com a publicação de dois romances pornográficos que foram excessivamente divulgados nos números d'*O Riso*: “O Chamisco ou O querido das mulheres” e “Entra, Sinhór!...”. Já sobre o papel de Paulo Barreto, o João do Rio, nos jornais pornográficos, encontramos suas contribuições com colunas no jornal *O Coiô* e quais as críticas feitas a João do Rio pelo jornal *O Riso*.

A *Belle Époque* brasileira se configurava por uma tentativa extra-arte de ser a Paris dos trópicos, principalmente na capital federal, Rio de Janeiro, que importava tudo, desde os maneirismos até “da manteiga às volúpias trazidas pelas cocotes francesas que tão graciosamente ornamentavam as *maisons closes*, os cabarés e as lojas de moda da Rua do Ouvidor” (IVO, 2012, p. 6).

Nesse contexto histórico da *Belle Époque*, jornais pululavam no cenário carioca devido às novas técnicas de impressão e, conseqüentemente, o seu

barateamento. Afinal, no “Rio civilizado” era preciso fazer parecer que a população tinha acesso à leitura (pelo menos a parte da sociedade que tinha posses) através do crescente valor atribuído às letras e sua relação com as questões mundanas (Cf. BROCA, 2005), no melhor estilo europeu. Mas esse efeito cultural não se restringia apenas aos livros. Os jornais ilustrados (assim como as revistas com material mais refinado), com a modernização das prensas e a rapidez e qualidade da impressão, tinham o seu devido espaço nos salões e nas alcovas da população.

Novas técnicas de impressão e edição permitiam o barateamento extremo da imprensa. O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse “novo jornalismo”, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornam-se mesmo uma coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom-tom sob a atmosfera da Regeneração. (SEVCENKO, 2003, p. 119)

O mundanismo da literatura em livros e jornais fazia com que os escritores desempenhassem o *delectare* através da apropriação dos maneirismos e da cultura europeia. Nesse contexto de afrancesamento de estilos encontramos um personagem da história da imprensa e da literatura nacional: João do Rio. Na verdade, o nome oficial era João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo “João do Rio”, dentre vários outros adotados na carreira, tais como: Claude, Joe, José Antônio José e Caran d’Ache<sup>4</sup>. Com este último pseudônimo, o escritor/jornalista publicou algumas colunas no jornal *O Coió*.

João do Rio era um mulato brasileiro que não “bebia cachaça. Preferia champanhe” (IVO, 2012, p. 9), visto por muitos de sua época pelo olhar enviesado como de “atitude rastaquera, ou denguições estilísticas decorrentes de sua consabida postura sexual” (IVO, 2012, p. 13). É essa personagem polêmica no cenário literário da *Belle Époque* brasileira que abordamos pela ótica do erotismo e observamos como os jornais pornográficos receberam as contribuições de João do Rio.

No jornal *O Riso*, foram publicadas notas apenas a respeito de João do Rio, considerado um *dandy*, e não especificamente de sua obra literária. Notícias que colocavam em exposição a sua homossexualidade, tais como: “A fortuna de João do Rio, vulgo Paulo Barreto, é calculada em 120 contos, tendo sido toda ella ganha na Agricultura. Não entra nesse computo, as sommas que estão sob a guarda do seu intimíssimo amigo Costa.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 11, em 03/09/1911, p. 3). Ou pela sua ligação política com o Senador Rodolpho Miranda<sup>5</sup>:

O João do Rio anda entusiasmado com a candidatura de Rodolpho á presidência de S. Paulo.

Disse elle numa roda de amigos:

Se fôr eleitor, mudo-me para S. Paulo.

Porque?

É que recomeça a era dos rodolphismos. (*O Riso*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 7, em 06/07/1911, p. 15)

Essas notas “ácidas” que estavam nas páginas de *O Riso* sempre em relação às questões pessoais do autor talvez se justifiquem pelo fato de que “o homossexual João do Rio era hostilizado por muitos literatos e jornalistas, encardumados nas redações famélicas, babavam de inveja diante do seu sucesso literário e mundano” (IVO, 2012, p. 17).

A vida boêmia e estilo francês adotado por João do Rio também são abordados em *O Riso*. O jornal comenta sobre sua viagem a Paris em uma nota que mais buscava denunciar o estilo *poser* do autor, devido à imagem construída a partir de um afrancesamento esbranquiçado como de quem nega a origem:

O João do Rio, quando esteve em Paris, foi ao famoso *Ritz*<sup>6</sup>, para não o conhecer só de nome. Vendo-o entrar, o criado apressou-se em perguntar o que queria. João disse com a maior fleugma: Nada. Estou vendo para escrever em chronica. (*O Riso*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 7, em 06/07/1911, p. 15).

As questões políticas também estavam no centro da crítica destinada a João do Rio. *O Riso* faz sempre menção à ligação entre o *dandy* e o candidato à presidência de São Paulo, Rodolpho Miranda, ex-ministro da Agricultura e grande incentivador do governo de Hermes da Fonseca: “É bem possível que o João do Rio volte á Europa, se o Rodolpho de Miranda for presidente de S. Paulo. Este consta é reservado.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 13, em 17/09/1911, p. 10).

Nas páginas de *O Coiô*, que como vimos foi de propriedade de Rebello Braga, dono de *O Riso*, as referências a João do Rio também são agressivas, mas o diferente desse jornal é que Paulo Barreto (João do Rio) foi colaborador por um tempo na seção “Cosmorama”, assinada pelo pseudônimo Caran d’Ache. Na seção do jornal intitulada “Definições”, encontramos referências sobre o físico (João do Rio era muito gordo) e o caráter (segundo biógrafos, João do Rio era uma pessoa de difícil convívio, odiado por muitos, principalmente colegas de carreira): “Definições – Paulo Barreto, – Prodigio de monoculo; pela curva abdominal parece trazer o rei na barriga.” (*O Coiô*, Rio de Janeiro, Num. Extraordinario, Anno II, em 14/01/1902, p. 2)

Ainda nas páginas de *O Coiô*, vemos na seção “Pelos Theatros”, críticas ao estilo de João do Rio, que segundo Ivo (2012, p. 10) “num estilo inconfundível, visual o imagístico, e de notável laconismo fotográfico” João do Rio não agradava a todos, pois muitos viam em sua escrita uma feminilidade decorrente de sua opção sexual (vista com maus olhos em sua época) e uma rudeza decorrente da ostentação de uma riqueza desnecessária e segregacionista (Cf. IVO, 2012).

Pelos Theatros: O Sr. Paulo Barreto, autor de uns folhetins em mau portuguez e de umas piadas violentas e perversas, critico de tudo e mais alguma cousa, já tardava a campanha tapajozina. Eil-o agora escrevendo epistolas de resignação ao supimperrimo Julio, e estravasando verde-paris contra todo o mundo. Cá estamos a applaudil-o. Quando tiver mais, que venha. Verve a valer, monoculo, gorduras, caracoleios de syntaxe, ceias no Lamas e sinceridade: – redução. Só de fóra como collaborador. (*O Coió*, Rio de Janeiro, Num. 61, Anno II, em 02/01/1902, p. 6)

Em sua contribuição no jornal *O Coió*, na seção “Cosmorama”, João do Rio, por meio do pseudônimo Caran d’Ache, deixa a marca de um verdadeiro *flâneur* que observa com acuidade as personagens da vida ordinária como quem passeia em busca de descobrir os estilos de vidas mais comuns da época por meio de uma descrição que nos remete a uma reportagem sobre a vida humana.

Ao perambular em sua coluna “Cosmorama”, Caran D’Ache busca atentamente as histórias e os lugares mais comuns, tomando a capital brasileira como representação de Paris, a cidade do verdadeiro *flâneur*, em busca de situações estéticas ou eróticas do cotidiano (WHITE, 2001). Nomes comuns se misturam a políticos e artistas nas ruas da capital brasileira. É o Rio de Janeiro, do Pedro Rabello sem *pence-nez* (jornalista, contista e atuante na fundação da Academia Brasileira de Letras, conhecido por usar os óculos pence-nez mesmo sendo jovem), de qualquer Sacramento e suas piadas sem gramática (acreditamos se tratar de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, médico, historiador e bibliografo baiano, autor do Dicionário Bibliographico Brasileiro, publicado em sete volumes, de 1883 a 1902), do estúpido Alberto de Oliveira (poeta parnasiano e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras), do ator Seixá e da atriz Cinira Polonio (atriz, cantora e compositora de muito sucesso nas duas primeiras décadas do século XX), de Epitácio Pessoa (advogado e político, vindo a assumir o cargo de Procurador Geral da República em 1902). Os personagens explorados por Caran D’Ache faziam parte do dia a dia da capital federal, em especial do meio jornalístico, artístico e político de início do século XX.

#### Cosmorama?

De perguntar tudo e interrogar céus e terras, homens e mulheres, sobre assumptos íntimos e geraes, a individualidade da presente já não é animal, é a corporificação da propria interrogação. Toda a gente o conhece. Alto com o peito abalado, magro, as costas curvam-se tanto e a cabeça inquisidora olha tão cavamente para o chão que visto de perfil, no esbatido da noite, pelo Pedro Rabello sem pence-nez, o sujeito presente parece uma formidável interrogação fechando ou abrindo incognitos horizontes. A imagem dupla é a vontade do freguez. A gente encontra-se de manhã, depois de ter deixado naquelle instante o Rocha alazão aproxima-se, limpa o suor e pergunta: – que tal achas o dia? Felicidade geral. Abre os horizontes que é um regalo. Um individuo salta de Nictheroy depois de aturar as piadas de qualquer Sacramento sem grammatica e mais estúpido que a

porta do Alberto de Oliveira. Respira e encontra callado a uma arvore colossal. Pode ir descansando. abriu os horizontes. Acabou a gente de saber de mais uma operação do dr. Daniel de Almeida, almoçou com prazer, saboreou o licor e está resolvido a não ser mordido. A porta do restaurante, elle, fatal, forçando a porta interrogativa do cavainac, indaga: – Tens por ahi dous mil réis! Póde a gente tomar um tilbury e ir dormir. Nesse dia a interrogação fecha os horizontes. O caso repete-se quando se tem de receber dinheiro, cumprimentar o chefe de policia, ouvir mais um canto ineffavel do poema do Pereira da Silva, fazer qualquer cousa de summamente importante. Um cidadão as aspectos tao antagonicos, cabula e mascotte, interrogação preta e interrogação azul, não é um inutil nas sociedades constituídas. Sabendo disso, limita-se a ser simplesmente isso, gloriosamente restricto á nobre missão e difficulosamente cavando as suas interrogações. De manhã levanta o corpo magro, pergunta: para que tomar banho? intona a voz de todos os feitiços desde o baixo até o soprano ligeiro para saber se o nosso vendeiro ha ainda o seu paratysinho, e passa o dia a interrogar o proximo. Bem de saude? Pagas trez com goma? Que tal achas o Seixas da arte dramatica, o nosso 1º galã dramatico? Eu genio? Estás disposto a me convidar a almoçar no G. Lobo? O’ Manuel posso levar estas empadas velhas? Não ha lá por casa um frack usado? Quantos dias tem o anno? Porque razão mostra a lua sempre a mesma cara a terra? Cara dura hein? Porque é que eu sou eu e tu és tu? Conheces o Eptacio Pessoa? Viste a tragedia *O Deputado das Saias*, interpretadas pela genial sra. Cinira Polonio? Quizera amar-te, mas... tem nos ultimos tempos se salientado tanto que já agora tem um appellido: *Quo Vadis*, sem allemão é obra prima do Ex. Sr. dramaturgo E. Victorino ad Romam domine. Dá-se uma carteirinha com uma collecção do jogo do loto, caso a Central não julgue immoral esse joguinho, á quem descobrir o nome do individuo cuja vida é na rua do Ouvidor.

Caran D’Ache. (*O Coió*, Rio de Janeiro, Num. 70, Anno II, em 03/02/1902, p. 3)

De acordo com Ivo (2012, p. 10), João do Rio parece que fica à espreita, observando “os homens e as coisas com olhos de espectador. Parado, era um *voyeur*, atento às graças, vícios e escabrosidades humanas. Andando, era um flâneur quase baudeleriano”. Na sua seção “Cosmorama”, Caran d’Ache escreve sobre as mais simples interrogações da vida, como perguntar sobre tudo e questionar céus e terras, ou mesmo a simples pergunta sobre encontrar o “Rocha alazão na rua”, saber sobre o almoço de um médico da cidade ou o que motivou alguém a ouvir um poema de Pereira da Silva. Tudo que era comezinha servia de assunto para uma olhar crítico do *flâneur* que estava atento a todos os movimentos citadinos. Ou então explorar a solidão do Dr. Almada e seu amor pela profissão de cirurgião, afastando-se do convívio social, mas disposto a encontrar um par constante do sexo frágil.

#### Cosmorama

Qualidades fundamentaes: muita operação e muito amor. De tanto as confundir e empregar a primeira para conseguir a segunda, já não sabe bem quando opéra ou quando ama. Para terminar com as confusões resolveu amar as operações, que, a custa de rasgar e furar o proximo, lhe dão aquillo que o Tunha e Costa chama el quibus; e operar no amor até mesmo as retiradas dignas, quando no ar nuvem negra se amontoa, de cacetadas cheia. Homem nestas condicções, fatalmente obedece a uma forma dupla. É physicamente, monetariamente, moralmente duplo e duplo. O Dr. D'Almada tem dous bigodes, duas pernas, dous olhos, duas ventas, que prefazem o nariz, trinta e dous dentes que com dous lábios e duas gengivas resolvem a bocca, dous braços, duas pernas, e dous pulmões! Tem dous ternos de roupa, ambos redingote, duas malas operatorias, uma amarella e outra negra; duas algibeiras nas calças e outras duas no interior da sobre-casaca e por fim dez dedos quer nas mãos, quer nos pés o que significa: – cinco vezes dous vezes. Depois destas descobertas luminosas, era impossivel deixar de descobrir a argamassa constituivel do Dr. d'Almada.descobrimos. É tambem dupla a Caixa ossea: um forceps; carname: leve commoda de bombons á hortelã pimenta. Bula e ferro! Aço e assucar! Liga maravilhosa de caldo de canna secco e metaes derretidos! O Dr. Almada – que tem um nome cabulosamente arabe, não sabe até como ha de dividir o tempo. Já emprega operações e amor sem quase os [cortado] e de tal forma que parece a [cortado]. Em Nitheroy, [cortado] lhe uma de que escapou arranhando ou arranhado, e não foi só por ter atravessado a Bahia. Agora entretanto depois de persistencia longa derreteu-se por completo na chamma rosea de um ponch quente de cabellos queimados cujo cartaz é X. P. T. O. e requer regimen bond. agua gazoza e mineral logo depois de o ingerir. Uma porção de artistas considera-n'ó muito, principalmente quando nas cadeiras bate palmas para animar a platéia e animar-se... Helás! É talvez bom propor prohibição d'escarros em impressos, mas sempre é triste fingir de Cyrineu theatral, principalmente quando nãp se entende d'isso, as consoantes do nome em grypho estão mal colocados e a gente – meu Deus! será possivel? – é o unico a carregar a cruz e alli, inteirinha, na algibeira. O Dr. Almada pelas ruas anda. Hão de reconhecel-o. e não se esqueçam: Almada tem dous pares de sapatos, uma porção de pares de meias e estaria sempre disposto a ser o par constante do sexo fraco, se o prerigo nestes tempos não estivessem quasi ao par.

Caran D'Ache. (O Coió, Rio de Janeiro, Num. 68, Anno II, em 27/01/1902, p. 3)

Se por um lado a crítica artística voltada a João do Rio não era muito comum nas páginas de *O Coió*, por outro, encontramos no jornal *O Rio Nu*, na seção "Lietteratura Chronica", assinada pelo pseudônimo J. do Diabo, uma crítica áspera ao livro *As religiões no Rio*, alegando que não havia nada de inovador, que era mais

um livro comum como tantos outros, mas destaca que o autor ainda era jovem e que imprimia boas “mentiras que exprimem a mais pura verdade”.

#### Litteratura Chronica

##### João do Rio. – AS RELIGIÕES NO RIO

O livro do Sr. João do Rio é um livro como outro qualquer que vocês tenham lido. Não é um primor de litteratura, mas em compensação muita coisa boa alli se encontra. João do Rio é moço e tem intelligencia como o diabo para fazer estas coisas. No seu livro encontram se diversos pedacinhos de mentira que exprimem a mais pura verdade. Ha tempos que elle publicou os seus artigos. (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, Num. 675, Anno VII, em 24/12/1904, p. 2)

Na transcrição do jornal *O Rio Nu*, de 15 de abril de 1905, vemos o reconhecimento à ousadia empreendida por João do Rio na coluna “Momento Literario” na qual o autor questiona célebres escritores/jornalistas<sup>7</sup> da época sobre o papel da literatura e do jornalismo com um questionamento principal: O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?

#### ACTUALIDADES

Como todo o mudo sabe, João do Rio é rapaz que deu, ha tempos, para fazer perguntas que deixam a gente besta. Elle tanto atiçou as aguias do bestunto das Laranjeiras e Botafogo como os urubús malandros da Saude e da Favela. A ultima atracação foi no Felix Pacheco. E foi, abriu rigoroso inquérito publico em segredo de justiça sobre o *momento litterario*, uma doença nova. (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, Num. 707, Anno VIII, em 15/04/1905, p. 2)

Em se tratando de jornais pornográficos e humorísticos, não podiam faltar notas maliciosas com sentido sugestivo, principalmente sobre a sexualidade de João do Rio, como vemos na transcrição de *O Rio Nu*, logo abaixo. A nota, na seção “Commentarios”, menciona o gosto “afrancesado” além das suspeitas de sua homossexualidade.

#### Commentarios

Mestre João do Rio, no seu “Cinematographo” domingueiro da “Gazeta” começa por dizer que foi á Exposição, e que viu lá pombas muito bonitas, de varias cores, tamanhos e feitios, e acaba dizendo que algumas pombinhas são tão pequenas que cabem na mão de uma donzella. Ora, *seu* moço! qual é a pomba que não cabe na mão de qualquer pessôa? (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, Num. 1.059, Anno XI, em 02/09/1908, p. 2)

Se João do Rio tinha muitos desafetos no meio literário e jornalístico, um nome que se destaca é o de Lima Barreto que, assim como Paulo Barreto, era mulato e boêmio, vivendo na marginalidade da *Belle Époque* brasileira. De acordo com Ivo (2012, p. 16), “não foram poucos os que, como o ferino Humberto de Campos e o amargurado Lima Barreto, se volveram virulentamente contra ele e o seu sucesso mundano, político, literário e jornalístico.”

Colaborador do jornal *O Riso*, Lima Barreto vez ou outra entrava em atrito com João do Rio. Mesmo tendo o *flâneur* como desafeto, Lima Barreto “candidatou-se à vaga [na Academia Brasileira de Letras] de Paulo Barreto, o João do Rio, um dos alvos mais frequentes de críticas nos artigos e na correspondência” (FREITAS, 2005, p 7). A participação de Lima Barreto no jornal *O Riso*, levando em conta o desafeto com João do Rio, faz-nos inferir que a frequente crítica à pessoa de Paulo Barreto e não à sua produção literária talvez seja decorrente da presença de Lima Barreto na sede de *O Riso*.

Sobre a participação de Lima Barreto no jornal *O Riso*, vemos que, sob o pseudônimo de Dr. Bogoloff, o autor publicou dois romances folhetins pornográficos: “O Chamisco ou O querido das mulheres” e “Entra, Sinhór!...”. Apesar de serem divulgados como romances folhetins, os romances de Lima Barreto não foram impressos no jornal *O Riso*. A venda era realizada por meio da retirada dos exemplares no escritório do jornal, situado na Rua do Rosário, nº 99, ao custo de 1\$500, ou enviados pelos Correios, ao custo de 2\$000.

O romance pornográfico, “O Chamisco ou O querido das mulheres”, foi divulgado pela primeira vez no número 52, de 16 de maio de 1912, ainda no prelo.

#### O Chamisco ou O querido das mulheres

Interessante narrativa das aventuras de um mancebo, possuidor de um poderoso *talisman* que o tornava irresistível. Este elegante livro é dotado de lindas gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$500 (*O Riso*, Rio de Janeiro, Num. 52, Anno II, em 16/05/1912)

Sua venda se inicia a partir de junho de 1912, com divulgação no número 56, de 13 de junho.

O segundo romance pornográfico, “Entra, Sinhór!...” começa a ser divulgado já no número 57, de 20 de junho, um número seguinte a publicação da venda de “O Chamisco ou O querido das mulheres”.

Entra, Sinhór!... (prelo)

No próximo mez

Sensacional romance de actualidades

ENTRE, SINHÓR!...

Cinco nítidas e deslumbrantes gravuras

PREÇO 1\$500

Porém sua saída demora um pouco mais, a primeira divulgação de venda só ocorre no número 69, de 12 de setembro, 12 exemplares à frente.

Os dois romances pornográficos, “O Chamisco ou O querido das mulheres” e “Entra, Senhor!...”, são divulgados em todos os exemplares de *O Riso*, até o 80º número, de 28 de novembro de 1912, último exemplar que circulou no Brasil.

Romances da nossa Estante  
ESTÃO Á VENDA:  
Album de Cupidos (3ª serie)  
A Família Beltrão  
O Chamisco  
Entra, Senhor!...  
Variações d’Alma  
Comichões...  
Horas de Recreio (*O Riso*, Rio de Janeiro, Anno II, n. 80, em 28/11/1912)

Apesar da frequente divulgação dos romances pornográficos de Lima Barreto no jornal *O Riso*, não conseguimos localizar em nenhuma instituição de documentação exemplares dos mesmos, fato este que corrobora a afirmação de que são considerados “verdadeiras preciosidade, pois não se têm maiores informações e nem exemplares dos mesmos” (FREIRE, 2005, p. 83).

Infelizmente não pudemos verificar se o discurso pornográfico de ataque ao regime republicano, no governo de Hermes da Fonseca, se faz presente na composição dos romances barretianos, pois o discurso satírico dialogaria com os demais gêneros textuais que compõem o jornal *O Riso*, além de reforçar o papel satírico e mordaz, desempenhado pelo autor contra o regime, uma vez que “as mazelas do governo republicano, Lima Barreto não se cansa de causticá-las por toda sua obra” (SEVCENKO, 2003, p. 201).

Por esses diálogos apresentados pelos jornais pornográficos e pelos jornais político-conservadores, podemos perceber o quão plural foi a representação do discurso pornográfico presente nos impressos da *Belle Époque* e como personagens do cenário literário brasileiro, João do Rio e Lima Barreto, se faziam presentes em jornais dessa categoria, não apenas por menções, mas por assumir colunas nos jornais (João do Rio) e escrever romances pornográficos (Lima Barreto).

Quanto aos jornais *O Rio Nu* e *O Riso*, por um lado, encontramos uma busca pela excelência tipográfica em nome da construção de um impresso mais elaborado com imagens, fotografias, diversos gêneros textuais que trazem em sua composição o tema da pornografia; por outro, destaca-se o fato de o discurso presente nos impressos ser o da crítica política por meio da erotização da palavra e da imagem.

Já nos jornais *O Coiô* (1901-1902), *O Nabo* (1900) e *O Riso* (1911-1912), por meio da crítica humorada e das insinuações sexuais, percebemos um discurso voltado para a crítica social e política por meio do humor erotizado.

No diálogo entre *O Paiz*, o *Correio da Manhã* e os jornais pornográficos, o discurso que estava em evidência era o do confronto, ou melhor, do ataque em nome do poder, seja o poder político, seja o religioso, ou até mesmo a ameaça da ascensão dos “bens culturais” pornográficos por meio das peças teatrais, das exposições cinematográficas, da publicação de livros e, principalmente, da efusiva circulação de semanários e jornais pornográficos.

Por ora, expusemos apenas os gêneros textuais que serviram de veículo para difusão do discurso pornográfico, os suportes que serviram de sustentáculo e produtores de sentido dos textos político-erotizados e dos jornais, ou empresas jornalísticas (Cf. SODRÉ, 2011), que fizeram circular os discursos pornográficos ou a crítica à sociedade que consumia tais produtos.

### Considerações finais

Além da influência (ou contradição) dos jornais brasileiros da *Belle Époque* na composição de *O Riso*, mostramos também que dois conhecidos nomes do cenário jornalístico-literário carioca se fizeram presentes nas páginas do impresso pornográfico: João do Rio e Lima Barreto.

João do Rio foi representado pelas páginas de *O Riso* por meio da crítica, seja pelo seu estilo literário considerado excêntrico pelos editores do impresso, seja por sua postura afeminada, que motivava a chacota por parte de seus opositores. O impresso atacava o autor por suas “denguices estilísticas”, devido ao afrancesamento de João do Rio, além de expor a sua homossexualidade como um fator negativo. *O Riso* não fazia críticas à produção literária de João do Rio, mas o ataque se voltava para questões pessoais espalhadas por colunas e notas do impresso. Vemos duas possíveis motivações para essa perseguição: 1) João do Rio mantinha uma relação com políticos republicanos; 2) segundo biógrafos, havia um mal estar declarado entre João do Rio e Lima Barreto.

Já a relação entre *O Riso* e Lima Barreto, observamos que existia uma antiga parceria de Lima Barreto com Rebello Braga. O romancista carioca havia contribuído com jornais como *O Rio Nu*, *O Coiô*, impressos que se dedicaram a divulgação e apologia ao jogo do bicho, além de ter escrito dois romances pornográficos pela impressora de Rebello Braga, com efetiva divulgação nas páginas de *O Riso*. Pelo que pudemos observar devido às diversas parcerias, havia uma boa relação entre Lima Barreto e Rebello Braga.

Para que a relação entre a pornografia e a política, e o diálogo de *O Riso* com impressos de sua época ficassem evidentes, fez-se necessário demonstrar como o jornal pornográfico tratou das denúncias e dos ataques ao governo de Hermes da Fonseca, como também aos seus apoiadores, como é o caso de João do Rio, através de alguns gêneros textuais que circularam no jornal.

Os processos de apropriação da pornografia e de procedimentos de utilização da alegoria para criticar o governo estão diretamente ligados à necessidade de instauração da sátira como veículo de ataque às questões político-

sociais. Nesse sentido, a sátira não se apresenta como um gênero literário, mas como um mecanismo da linguagem que se faz arma contra um sistema político por meio da arte. Assim, tanto os gêneros textuais quanto os discursos pornográficos por trás dos textos são construídos em nome do ataque e não da mera excitação. É, portanto, a partir dessa premissa que devemos pensar os modos de organização dos gêneros em relação à pornografia enquanto categoria literária.

## Notas

<sup>1</sup> Crítica feita por Angelo Torre ao conceito de representação proposto por Chartier. A crítica foi publicada na revista *Quaderni Storici*, n. 90, ano XXX, n. 3, p. 799-829, 1995.

<sup>2</sup> Optamos por fazer as transcrições dos textos, uma vez que nem todas as imagens têm boa definição. Ressaltamos que todas as transcrições ao longo do artigo respeitam a ortografia da época com a finalidade de manter a legitimidade dos bens culturais.

<sup>3</sup> Rebello Braga já tinha experiência com jornais pornográficos. O jornal *O Coió* circulou por dois anos, 1901-1902, na cidade do Rio de Janeiro, com publicação de oito páginas que eram vendidas duas vezes na semana, ao custo de 100 réis, com sede na Rua do Ouvidor, nº 44. Não havia referência ao proprietário no primeiro ano de circulação, mas a partir do número 61, assina a propriedade e a direção do jornal Rebello Braga, que, como já mencionamos, foi proprietário de *O Riso*.

<sup>4</sup> Cf. <<http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia>>. Acessado em 18/07/2015.

<sup>5</sup> “O Dr. Rodolpho Miranda foi o organizador do Ministério da Agricultura, criado sob a presidência do de Nilo Peçanha, em 1910.”. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g39d.htm>>. Acessado em: 15/07/2015.

<sup>6</sup> Famoso hotel em Paris.

<sup>7</sup> Palestras com Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, Padre Severiano de Resende, Félix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos; cartas de João Ribeiro, Clóvis Beviláqua, Sílvio Romero, Raimundo Correia, Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo, Frota Pessoa, Mário Pederneiras, Luís Edmundo, Curvelo de Mendonça, Nestor Vitor, Silva Ramos, Artur Orlando, Sousa Bandeira, Inglês de Sousa, Afonso Celso, Elísio de Carvalho, etc. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>>. Acessado em 16/07/2015.

---

## Referências

---

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. ed 6. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção estudos: 20).

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos Livros*. Trad. Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.

\_\_\_\_\_. “Defesa e ilustração da noção de representação”. In: *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 13, n. 24, jul./dez. 2011, pp. 15-29.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados* 11(5), 1991. p. 173-191.

\_\_\_\_\_. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

FREITAS, Celi Silva Gomes de. “Lima Barreto, um intelectual-negro na ‘Avenida Central’”. In: *Revista Intellectus*. Ano IV, v. I, Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Laurentino. *1889: Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil*. São Paulo: GLOBO Livros, 2013.

IVO, Lêdo. *João do Rio: cadeira 26, ocupante 2*. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial de São Paulo, 2012. (Série Essencial, n. 4, Academia Brasileira de Letras).

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: RÉ S Editora, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

WHITE, Edmund. *O Flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris*. Trad. Reinaldo Moraes. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

---

## Para citar este artigo

---

AZEVEDO, Natanael Duarte de; JÚNIOR, José Temístocles Ferreira. Diálogos entre história e literatura: a história cultural e a Belle Époque brasileira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 34-52, maio-ago. 2019.

---

## O autor

---

**Natanael Duarte de Azevedo** é doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba. Possui o título de Mestre em Letras pelo mesmo Programa de Pós-graduação. Tem experiência na área de Literatura e Linguística, com ênfase em História da Literatura e da Leitura,

Linguística saussuriana, Psicanálise lacaniana e Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura luso-brasileira do século XIX, movimentos de linguagem, cinema, linguística e psicanálise, sujeito. Atualmente é professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UEADTec) da Universidade Federal Rural do Pernambuco e atua no Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE.

**José Temístocles Ferreira Júnior** é graduado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, onde desenvolveu sua pesquisa de mestrado em Linguística, com ênfase em Aquisição da Linguagem e Linguística da Enunciação. Possui doutorado também em Linguística pela UFPB, com um período sanduíche na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando principalmente nos seguintes temas: constituição subjetiva; enunciação; interação mãe-bebê; dêixis; indicadores de subjetividade; Benveniste; categoria de pessoa; autismo. Foi revisor dos Referenciais Curriculares da Educação do Estado da Paraíba. Foi professor substituto no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPB no período de 2010 a 2013 e lecionou, principalmente, as disciplinas de Semântica, Teorias da Linguística e Estágio Supervisionado no ensino de língua. Atualmente é professor adjunto II da Universidade Federal Rural de Pernambuco.